

Leitura Invertida

Quem recorre à homeopatia sabe que a reação às primeiras doses se traduz em sintomas que indicam estar o remédio fazendo efeito, mas a sensação é a de que a crise se agrava. Com pouco tempo, tudo se acomoda. O organismo recia o próprio equilíbrio e o paciente se sente ótimo.

Depois de 30 anos de indexação, dos quais os últimos 15 de inflação galopante, o Brasil está sob o mais indicado tratamento para curar-se. Os sintomas, no entanto, provocam reações de perplexidade. E, não por acaso, os juros altos são apontados (maliciosamente ou não) pelos empresários como fatores de pressão para aumentar preços.

Trata-se de leitura invertida do receituário. Quem formou estoques excessivos e remarcou preços, contando com a fragilidade do consumidor diante da mudança monetária, ou com a conversão de parte das aplicações financeiras em consumo, foi surpreendido pelos juros altos.

Os aplicadores continuaram no mercado financeiro. Quando muito, saíram do fundo para a poupança, mas não transformaram o dinheiro em bens de consumo. Os consumidores, assustados pelos abusos na virada do cruzeiro real para o real, sabem que têm agora moeda que não se desvaloriza e perderam a compulsão de transformar o dinheiro em aplicações indexadas ou em bens, antes que os preços aumentassem.

O plano real inaugurou saudáveis hábitos nos consumidores brasileiros: nada de compras desembestadas e sem o cálculo antecipado do que poderão representar no orçamento do mês seguinte, com antecedência definida. Os cartões de crédito transformaram-se em moeda eletrônica, como no Primeiro Mundo. Já não vale mais fazer compras para obter ganhos colaterais nas aplicações financeiras, como faziam os supermercados quando vendiam à vista mercadorias adquiridas a prazo.

Seria exigir muito que, em menos de uma sema-

na, as mudanças nas cabeças implicassem transformação geral de atitudes empresariais em relação ao consumidor. A equipe econômica liderada pelo ministro Rubens Ricupero, no entanto, sabe aonde pretende chegar e não ignora os percalços no meio do caminho, como o choro dos viúvos da inflação.

Depois de confessarem uma série de pecadilhos e fraudes, praticados de comum acordo entre o comércio e a indústria ou por imposição dos oligopólios que ainda dominam setores da economia brasileira, alguns empresários estão preparando manobra escapista, querendo atribuir à alta dos juros ao movimento futuro de aumento dos preços em real. Trata-se de completa inversão. Algo como o culpado ser a vítima.

Pode ser o reflexo condicionado da cultura empresarial que prosperou sob a indexação, quando todos os custos eram repassados para o elo seguinte da cadeia de produção, até terminar no bolso do consumidor. Essa era a mágica que impedia os preços de caírem, mesmo quando havia superprodução agrícola.

Numa economia aberta às importações e sem a indexação, exposta portanto à competição externa, a concorrência é que precisa apresentar as melhores soluções para seduzir o consumidor. Se os juros estão altos — inibindo o consumidor e asfixiando o empresário superestocado, ou lojista com o estoque de sempre — a saída é a liquidação para fazer caixa. Isso já ensinavam as revistas juvenis importadas e traduzidas livremente no país, quando a correção monetária ainda engatinhava.

O Brasil pensou ter descoberto a panacéia para os males econômicos, mas a verdade é que nada mudou ao norte do Equador: todo empresário que ousa desafiar os juros altos do Banco Central sabe que os riscos são grandes. A internacionalização da economia ainda vai acabar fazendo um bem inesperado aos brasileiros, e liberando o consumidor da opressão dos cartéis e oligopólios.